

Ciclo de programação artística Make Trouble, no Rivoli **Cultura**

# Em sete minutos, *Guilty Landscapes* faz-nos pensar sobre “a dor dos outros”

Vídeo-instalação de Dries Verhoeven reflecte sobre a nossa condição enquanto espectadores de notícias infelizes – e as relações de poder que se criam nesse visionamento. Para ver de hoje a sábado no Rivoli

**Daniel Dias**

Ao princípio, parece que estamos apenas a ver um vídeo. Uma fábrica na China onde se produz algodão, muitas horas por dia e em troca de um salário que não acompanha essa carga laboral, quase decerto. Somos convidados, durante uns momentos, a perscrutar esse ambiente precário: o chão cheio de lixo, as máquinas num movimento repetido e constante, os trabalhadores iguais às máquinas – braço para a frente e para trás, para a frente e para trás, para a frente e para trás; muito Charlie Chaplin em *Tempos Modernos* (1936). A partir de uma certa altura, apercebemo-nos de que não somos os únicos espectadores: o vídeo também está a olhar para nós.

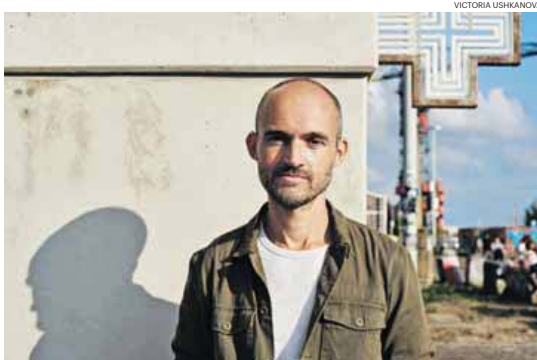
*Guilty Landscapes*, vídeo-instalação performativa do artista neerlandês Dries Verhoeven, é sobre a forma como nos relacionamos com as imagens de guerra, pobreza, destruição e desespero que, através das nossas televisões ou dos nossos telemóveis, entram dentro das nossas casas todos os dias. É também sobre como, “de forma intencional ou não, quem é filmado” nesses contextos complexos e imensamente desfavoráveis é “definido como vítima”. Assim escreve na sua própria sinopse o criador, que ao PÚBLICO, por videochamada, afirma querer que tenhamos noção das “dinâmicas de poder que estão intrinsecamente associadas” ao acto de se ver e retratar um ser humano como um pedaço de um quadro noticioso.

O seu trabalho põe, então, o jornal das oito a olhar-nos de volta. A vídeo-instalação, que dura apenas sete minutos, está feita para ser experienciada individualmente (entra só uma pessoa de cada vez), estando uma parte daquilo que acontece no interior da fábrica de algodão dependente da reacção de cada um às imagens exibidas. O vídeo tem o nome da cidade chinesa onde fica a fábrica, real ou não (Hangzhou), e é o “primeiro episódio” de *Guilty Landscapes*, projecto estreado originalmente em 2016. Há mais três – que retratam outras situações passíveis de evocar sentimentos de preocupação em Porto Príncipe (Haiti), Homs (Síria) e Pattaya (Tailândia) –, mas *Hangzhou* é o único que, entre hoje e sábado, estará no Rivoli, no Porto.

A estreia de *Guilty Landscapes* em Portugal ocorre no âmbito do ciclo Make Trouble, que, naquela que é a



WILLEM POEPLIER



VICTORIA USHKANOVA

**Na vídeo-instalação performativa de Dries Verhoeven (o criador, à esquerda), o que parece ser um vídeo pré-gravado cedo se torna algo mais**

**“Percepcionarmos logo certas pessoas como vítimas coloca-nos numa posição de poder”, diz o artista neerlandês Dries Verhoeven, para quem *Guilty Landscapes* questiona “se conseguimos olhar para o outro sem assumirmos de imediato esta posição imperialista”**

última edição de 2024, traz ainda, e também em estreia nacional, *HAMMAM* (sexta e sábado, também no Rivoli), trabalho da coreógrafa chilena Javiera Peón-Veiga que “explora o ‘banho’ enquanto fenómeno colectivo de purga, regeneração e prática de cura social” – as pessoas são convidadas a circular pelo espaço, “numa experiência de som, luz e banho em que se esbatem as fronteiras entre intérpretes, elementos cénicos e público”.

Foi numa praia no Sri Lanka que *Guilty Landscapes* começou a ganhar forma na cabeça de Dries Verhoeven:

o neerlandês estava a relaxar quando um jovem de 16 anos, trabalhador do sexo, se aproximou dele e começou a tentar aliciá-lo. “A minha resposta foi uma resposta de pena; eu queria ajudá-lo. Mas ele, muito inteligente, disse-me: ‘Pára, quem és tu para me dizer que eu não deveria fazer isto? Eu preciso de dinheiro para daqui a uns anos ir para a universidade – e tu vens do Ocidente para solucionar algo que, do meu ponto de vista, não precisa de ser solucionado.’” Esta resposta foi útil para Dries, que “nem sequer” fez “muitas perguntas” ao rapaz, isto é, não procurou conhecer a sua história

para lá da imagem que formou numa questão de segundos e com apenas um par de informações. “Pensei: ‘De facto, quem sou eu para solucionar isto? E o que estou sequer a tentar solucionar? Apenas os meus problemas de consciência?’”

Termos pena dos rostos que vemos em cenários “crúéis” e absolutamente aflitivos espalhados um pouco por todo o mundo é uma reacção perfeitamente natural, mas “percepcionarmos logo certas pessoas como vítimas coloca-nos numa posição de poder”, reforça o criador: meros segundos se passaram e a relação já não é horizontal, “já estabelecemos papéis”. *Guilty Landscapes* questiona “se conseguimos olhar para o outro sem assumirmos de imediato esta posição imperialista”.

O trabalho também reflecte, como Dries escreve na sinopse, sobre a “espiral de culpa e vergonha” para a qual o “espectador socialmente consciente” destas imagens angustiantes “não tarda a ser arrastado”. “Para o cidadão comum, é impossível ajudar. Então, para conseguirmos lidar com isso, damos palmadinhas nas nossas próprias costas, ao fazermos coisas como ver documentários ou exposições sobre a Palestina”, diz ao PÚBLICO. “Nós precisamos de sentir que não somos culpados, que estamos a fazer mais do que apenas testemunhar a catástrofe. A partir do momento em que estás a bordo do *Titanic* e sabes que não há como mudar a sua rota, a única coisa que podes fazer é resolveres os teus problemas de consciência, dizeres a ti mesmo que não és o responsável pela direcção do navio. Se não o fizeres, a vida torna-se insuportável, uma receita para a depressão.”

Concentrando-se mais no comportamento do espectador do que nos problemas retratados – que na instalação pouco parecem ferir quem surge no ecrã, o que ajuda a pôr em causa esse lugar e papel de vítima –, Dries Verhoeven problematiza, em poucos minutos, uma série de questões pertinentes, que vão desde a maneira como apreendemos “a dor dos outros”, como se lê no *site* do artista, à própria objectificação, concretizada pela câmara noticiosa, de pessoas em contextos infelizes. “Não estou obrigado a contar a verdade. O que gosto de fazer é revelar os dogmas do nosso pensamento, para que talvez nos possamos tornar pessoas mais sensíveis e críticas.”